

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras nos anos de 2016 e 2017.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLV

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Impressão: Gráfica 99

Data de impressão: 2024

ISSN: 0378-116X

Depósito legal: 61370/92

DOI: <https://doi.org/10.58164/t6bj-9a34>

Raimundo Lulo: o Mestre iluminado à procura do mundo

AIRES A. NASCIMENTO¹

Celebrou o mundo da cultura o 7.º Centenário da morte de Raimundo Lulo. Embora com algum atraso, havemos de voltar à sua vida e à sua figura para nos extasiarmos com o encanto do seu percurso e das suas qualidades, deixando-nos prender pelos traços da sua modernidade. O seu espaço de circulação era o Mediterrâneo: hoje para aí voltamos obrigatoriamente os nossos olhares por motivos bem diferentes dos que animavam Raimundo Lulo. Contemplativo, imbuído de espírito profético, percorreu, vezes sucessivas, esse espaço, desejoso de demonstrar a verdade da sua fé, sem, todavia, perder o efeito de ser interpelado por outra religião, como modo de se renovar na prática de vida, servindo-se de formas imaginativas e em espírito de busca incansável.

LULO, HOMEM PROFÉTICO NA AURORA DE MUNDO NOVO

Há homens que se adiantaram ao tempo que os viu nascer: começando nele como indivíduos, por razões que só eles poderiam explicar, vão procedendo a escolhas interiores que os moldam e os refazem nas suas capacidades de carácter e de génio: alguns, ultrapassando limites imaginados, expandem o que a outros não ocorre e partilham-no com os seus semelhantes. Saídos do tempo, pertencem a todos os tempos, porque se singularizaram pela cultura que ajudaram a criar à sua volta e dela nunca mais saíram — porque cultura, se bem entendemos, é aquilo que o homem constrói e transporta consigo para transformar os outros,

¹ Por opção do autor, a ortografia utilizada neste texto segue o Acordo Ortográfico anterior a 1990. O texto que se segue teve origem em conferência pronunciada por nós na Reitoria da Universidade de Lisboa, perante autoridades académicas e autoridades da Catalunha, em 18 de Janeiro de 2016, na evocação do 7.º Centenário da morte de Raimundo Lulo e na celebração do 10.º aniversário do Leitorado de Catalão na Faculdade de Letras de Lisboa. Foi aqui reformulado.

por com eles partilharem o que convém a todos para os tornar melhores (a lição está em Cícero).

Alguns desses homens ganharam o epíteto de *iluminados* ou de *inspirados*, por direito próprio: continuaram a irradiar o brilho que nunca mais deles se desprende e que alguns vão reconhecendo com o andar dos tempos. Tal acontece com Raimundo Lulo, que a ciência moderna revê no desabrochar de congemações arborescentes.

Personalidade extravagante (dirão alguns), singular e transbordante (contrapõem outros), gênio pela novidade que apresentava, versátil em domínios diversos, andarilho sem ser irrequieto, capaz de suportar contrariedades sem se tomar de azedumes, sabendo ultrapassar situações desfavoráveis, teve o condão de ir ao encontro de adversários sem perder a bonomia de estar com eles e de procurar aliados em serviço da verdade que já tinha consigo, imaginando que o processo de conversão era possível, mesmo que sempre inacabado: a um tempo, ganhou autonomia no seu mundo de contemplativo e entusiasmou-se com as suas próprias congemações, mas foi-se moldando no profetismo que lhe ditou a prática e com ela a aquisição da linguagem de todos, para ganhar distância e evitar palavras ociosas (Mateus 12:36).

No 7.º centenário da sua morte, voltar a essa figura significa reinventá-lo para além das máscaras e dos véus de lulismos cinzentos²... Tanto quanto possível.

Entregou-se a escrever em várias línguas, sem se importar que fossem condenação primigénia, mas tomando-as como bênção³, apesar de sentir a frustração de a poucos atrair para os seus planos; sendo capaz de se isolar para se entregar à contemplação e nela se rever na busca de si e dos outros, foi capaz de aceitar a fragilidade dos momentos de crise: na peregrinação a Rocamadour

² Ruiz, J. M. e Soler, A., "Ramon Llull in his Historical Context", *Catalan Historical Review*, 1, 2008, pp. 47-61 (Institut d'Estudis Catalans, Barcelona), <http://revistes.iec.cat/chr/> (cons. 08.06.2016); Reboiras, F. D., "La recepción del pensamiento luliano en la península ibérica hasta el siglo XIX. Un intento de síntesis", *RLLCGV*, 15, 2010, pp. 361-385.

³ Já nos habituámos a ver a Torre de Babel no movimento inverso do Pentecostes: a lição já está em Orígenes, mas só recentemente nos apercebemos de que, na sua diversidade, essas línguas, às vezes incómodas, representam variedade necessária para traduzir a complementaridade das culturas. Não pretendemos entrar aqui em polémicas estéreis, que os nacionalismos tornaram mais vivas, sobre a língua catalã: Lulo não conhece o termo e a literatura catalã é uma categoria académica de tempos modernos. Baste-nos saber que Ramon, por razões de proselitismo, se entregou ao uso da língua comum do reino maiorquino; quanto a ele próprio, era filho de burgueses de Montpellier e a sua língua materna era o occitano-provençal.

e a Compostela ou quando sentiu que lhe faltavam as forças para partir, como aconteceu em Génova, ao tempo em que se propunha sair para África, ao encontro de outros.⁴ Buscou a pacificação interior no encontro com Deus, sem esquecer os outros, mas também sem se impor contra vontades formadas, mesmo que obstinadas.

No entanto, incomodou as autoridades terrenas, quando necessário, instando com elas para responderem ao que lhes solicitava em nome de Deus, nomeadamente para criarem estruturas de ensino que fossem promessas de ciência nas Universidades nascentes (em Roma ou em Oxford, em Paris ou Salamanca), começando por Miramar (por concessão papal, na pessoa de João XXI, e com o apoio de Jaime II — um e outro ligados à nossa terra: um, o primeiro, porque daqui, de Lisboa, partiu para Roma e aí foi cooptado para Papa, ele que antes era Pedro Julião, arcediogo da sé lisiponense; o segundo, porque era irmão da Rainha Santa Isabel, que ele próprio veio entregar para núpcias com D. Dinis, que, ao tempo, já havia escolhido Lisboa para sede da sua corte).

Expôs-se Lulo a ser considerado réprobo (a exemplo do apóstolo Paulo), por se dedicar ao estudo de textos dos infiéis, a fim de entender os seus caminhos e procurar converter particularmente os filhos de Ismael que, militarmente, haviam perdido terreno em territórios que o próprio Raimundo palmilhava desde os primeiros anos de vida⁵.

Poucas individualidades se lhe podem comparar no tempo em que lhe coube viver: certamente Rogério Bacon (o *doctor admirabilis*) — 1214–1294; também Arnaldo de Vilanova (1238–1311), o alquimista e *magister medicinae*, contemporâneo de ambos, mas mais chegado a Lulo, pelo lugar de origem e, como ele, homem de

⁴ Por 1292, em Génova, quando já aprazara viagem para África e todos pensavam que iria fazer grande apostolado entre os infiéis, Lulo sente-se incerto e, em tentação, teme pela sua vida e, desesperado, adoece: *Liber de passagio Romae anno MCCXCII*, ed. Blanca Garí et alii, Turnhout, 2003 (Corpus Christianorum. Continuatio mediaevalis, p. 182).

⁵ Não nos preocupa que Nicolau Eymerich, inquisidor gerundense de outros tempos, apesar do seu cargo e das suas funções, o tenha tomado por herege, como consta do *Manuale Inquisitorum*, de 1376: não foi, aliás, o único caso em que o inquisidor se equivocou, pois também esteve contra Vicente Ferrer, o santo pregador desse tempo: tomamos a advertência da introdução a *Raimundus Lullus. An Introduction to his Life Works and Thought*, ed. Alexander Fidora and Josep E. Rubio (Corpus Christianorum: Continuatio mediaevalis, p. 214), Turnhout, Brepols, 2008. Entenda-se a alusão como trazendo à consideração o empenho de Lulo em conhecer os textos islâmicos em árabe para com eles provar que, trabalhando neles, tinha autoridade para declarar que não garantiam a verdade que a fé exigia.

saber versátil e alargado. R. Lulo ganhou direito a ser tomado como *doctor illuminatus*, depois de se ter deixado inebriar pela graça divina, mas não descurou entregar a sua obra a entidades que por ela deviam zelar.⁶

É-nos grato reconhecer que a sua figura esteve perante os olhares de quem projectou a sala da biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, n.º 7 de uma cornija que corre pelo lado sul: com outras figuras padroeiras, ela preside a actos solenes. Por ele nos deixamos julgar e a ele nos confiamos mais uma vez (deixando por aqui a nossa intervenção para que na abundância das palavras não nos falte o apoio de outros que melhor dele possam falar, por estarem mais próximo dele pela origem, deixando para nós o afecto que ao patrono e aos forâneos dedicamos com o respeito que nos merecem).

UM NOME E UM PERCURSO

Raimundo Lulo é o seu nome em português, por interposta forma latina. Não se estranhe: tem matriz vernácula na nossa língua, fundada em tradição segura, a partir da forma latina; corresponde ao vernáculo catalão, mas sem as palatais que são próprias da variante românica mais oriental⁷; se a etimologia aponta para ascendência nobre⁸ (a tanto não chegavam as ligações com a família condal do reino da Catalunha), era-o sobretudo pelo carácter de homem dedicado ao bem, que pela palavra era *vir bonus dicendi peritus*, mas também “homem de virtude”, que soube respeitar a sua dignidade de homem mas buscou estar com os outros e com eles conviver.

⁶ Segundo o seu *Testamento* (op. 212), designa três lugares para entregar cópia dos seus livros: Cartuxa de Vauvert, em Paris; palácio de Perceval Spinola, em Génova; casa do seu genro, Pere de Sentmenat, em Palma de Maiorca.

⁷ Patronímico catalão, aparece sob a forma Lulo, em castelhano e português, Lullo (Lulli) em italiano, mas a sua forma mais utilizada em textos medievais latinos é Lullus; a grafia catalã actual, Llull, corresponde à norma ortográfica aplicada, a partir de 1934, para garantir a palatal inicial: no entanto, trata-se de um grafismo sem tradição histórica, como se reconhece pelas formas usadas nas línguas românicas. Cf. Reboiras, F. D., “Introducción a la vida, obra y pensamiento de Raimundo Lulio”, *Anuario de Historia de la Iglesia*, 19, 2010, pp. 383-388.

⁸ Se remonta a origem germânica, *Hlodilo (de raiz *hlod*) leva a ascendência nobre, mas os tempos têm a sua deriva e não se pode reverter o que deixou de ter significado; dizem que o nome se popularizou a partir de um nome de santo do século VIII, discípulo de S. Bonifácio, apóstolo dos saxões: no entanto, a referência ficava longe e não consta que Raimundo Lulo tenha recorrido a ela.

Respondia por nome de família de média aristocracia (numa sociedade hierarquizada), e situava-se num mundo que se abria a gentes de várias origens, num eixo que atravessava o mar Mediterrâneo em múltiplas direcções: teve pontos de apoio em Maiorca, nas Baleares (onde nasceu, em 1232/33), mas passou boa parte da vida no Rossilhão (antiga zona de assento do reino visigótico para além dos Pirenéus) e movimentou-se sobretudo em torno de Montpelier, cidade cosmopolita para onde convergia uma população vária, em que se misturavam cristãos, judeus e muçulmanos.⁹

Mal teve tempo de se ambientar numa ilha em que um terço da população era árabe e, trinta anos depois da conquista, começava a ganhar foros de emancipação pelo desafogo económico que conseguia. Ao longo da vida, Lulo percorreu quase toda a Europa mediterrânica do tempo para partilhar os seus ideais e andou em busca de outros (de quem os tinha e era capaz de os partilhar). Sem que lhe conheçamos seguidores de nomeada, mas sem que sirva de desculpa a falha que pesa sobre nós de não sermos capazes de avaliar e medir as suas influências¹⁰, passa por um dos homens de ciência mais singulares do seu tempo.

Pelos finais da vida, em 1311, diz de si próprio, pela pena de Tomas le Myésier a quem ditou uma versão da sua vida: *Fui casado, tive filhos, fui rico, apreciei o mundo e os prazeres; depois, tudo deixei pela glória de Deus, pelo bem dos meus irmãos; com vista à propagação da verdadeira fé, aprendi o árabe e muitas vezes fui à terra dos sarracenos; pela minha fé fui flagelado e encarcerado; durante 45 anos procurei interessar as autoridades da Igreja e os príncipes cristãos no bem público; agora que estou desvalido, sinto-me desprovido de bens, mas o meu ideal é sempre o mesmo e assim se manterá até à hora da minha morte*¹¹.

*

⁹ Em 1160, Benjamim de Tudela que por aí passa, anota que a cidade é “muito frequentada por diversas nações, tanto cristãs como muçulmanas e que nela se podem encontrar homens de negócios vindos dos Algarves [do Andaluz e do Magrebe], do Egipto e da terra de Israel”.

¹⁰ Ansiamos por nos deter na leitura e estudo da obra de Pere Villalba, *Ramon Llull: vida e obra*, Barcelona, Institut d’Estudis Catalans y Elsa Peretti Foundation, 2017, que eloquentemente foi apresentado na Academia das Ciências de Lisboa, na sessão de 2017. 07. 22, em que também nos coube intervir, ao lado de Carles Gasóliba e Josep M. Casasús.

¹¹ Baseamo-nos em Llull, R., *Vida de mestre Ramon*, ed., trad. Anthony Boller, Barcelona, Barcino, 2013.

Maiorca¹² serviu-lhe de berço¹³: era tempo da ocupação da ilha por parte do rei conquistador, Jaime I, de Aragão, que tomara conta daquelas terras, antes ocupadas pelos muçulmanos. Daí, Lulo foi chamado à corte condal para servir de pajem do príncipe herdeiro e aceitou funções de senescal; deixou, porém, por conta de outros as acções militares da Reconquista.¹⁴

Pela frente ficava-lhe um espaço que se estendia pelo Mediterrâneo e se alargava até à África setentrional: por ali andavam três religiões que se reclamavam de tradições diferentes; tensas eram as relações entre vencedores e vencidos e difícil era conviverem, depois de se terem hostilizado durante séculos, sem reconciliação à vista: Lulo apostou em aproximá-las, com zelo de apóstolo e em espera de discípulo. Não havia que queimar etapas, mas o fogo ardia-lhe no peito; devia oferecer o que tinha de tradição cristã e aproximar-se do que a tradição islâmica tinha nas suas fontes, que ele procurava entre as mais genuínas que procurava ter ao seu dispor.¹⁵

Tinha ele fulgores de conquista? Hoje mantemo-nos em maior reserva perante outros que nos precederam, pois evitamos julgar, ao menos para entendermos a paciência evangélica que deixa para o fim dos tempos a recolha da colheita e a separação da cizânia, para não confundirmos trigo e joio: aos avanços das caravelas de outros tempos preferimos o recurso às “razões necessárias” e intentamos o encontro do “profeta da paz”; em Lulo queremos aprender a ser discípulos sem reclamarmos o tratamento de mestres.

¹² Acabada de conquistar por Jaime I, em 1229 (Lulo nasce em 1232-33), a operação foi mais radical que a de Saragoça, um século antes (em 1118), não deixando dúvidas de quem mandava e do que pretendia pela redução à escravatura.

¹³ Cf. Bonner, A. e Badia, L., *Ramon Llull. Vida, pensament i obra literària*, Barcelona, Empúries, 1988).

¹⁴ O termo terá sido utilizado pela primeira vez por Juan de Mariana (1536–1624), que dele se serviu para definir a expansão dos reinos cristãos peninsulares em direção ao sul: a palavra tem uma carga ideológica extremamente equívoca, mas historicamente significa a substituição de poderes dominantes, sem implicar necessariamente rejeição de uma comunidade de fé por outra, mas integrando politicamente outros que religiosamente eram diferentes. Segundo a expressão lapidar de Américo Castro, a convivência medieval hispânica foi “resultado de um modo de viver e não de uma teologia”. Estava-se, no entanto, numa sociedade de fronteira, em que a sociedade encontrava a sua identidade na luta contra o infiel, mas se revia em diversidade que deixava conviver três credos — cristão, judaico e muçulmano. O contraste chegava de outras comunidades cristãs exteriores a esse mundo, como eram as de Itália; segundo Pierre Chaunu, “a intolerância entrou em Espanha com ventos que vinham de fora”.

¹⁵ Pelo facto de um terço da população de Maiorca ser muçulmana e de com ela conviver uma comunidade judaica altamente qualificada de artesãos, com largos conhecimentos de cartografia e astronomia, deu-lhe possibilidades de alargar horizontes, ao mesmo tempo que as escolas atingiam nível de elaboração científica em diferentes domínios.

*

Quando Lulo vem de Montpellier na galé que o conduz a Maiorca, andava por Urgell um príncipe português, filho de D. Sancho I, mas não consta que se tenham cruzado: *Petrus, infans Portugalensis, Dei gratia regni Maioricarum dominus*¹⁶, tinha ascendência aragonesa, por parte de sua mãe, Dona Aldonça, casada com D. Sancho I de Portugal¹⁷; fizera a sua deriva por Marrocos e tomara estado familiar nas terras de Aragão, por casamento com Dona Aurembiaix de Armengol, condessa de Urgell, (1236– 1255): o príncipe português andara por Marrocos e aí acabara por ser testemunha involuntária do martírio dos primeiros missionários franciscanos¹⁸, mas não deixou nome nas memórias de Lulo, embora o *Livro de cavalarias* do maiorquino deixe perceber que nos seus ideais entrava também o ardor de vida em prol da fé cristã: a área africana surdia, a um e a outro como horizonte, mas de maneiras diferentes e para cada um em tempo próprio — para Lulo em forma poética e em modo convicto de fé¹⁹; talvez também a alternativa não fosse senão modo para afirmação da própria identidade²⁰.

¹⁶ Depois de ter correspondido ao apelo do Papa Gregório IX, em Junho de 1229, para combater contra os lombardos, anos depois, em 1233, pede ao mesmo Pontífice que exorte à Cruzada contra os mouros que ameaçavam Maiorca; a *Crònica o Llibre dels Feits*, de Jaime I de Aragão refere que o Infante foi remisso em responder ao “clamor” lançado em 1231 para defesa da ilha, mas participa na conquista de Ibiza, em 1235.

¹⁷ O rei D. Sancho I de Portugal foi casado com Dona Aldonça, filha do rei de Aragão. Para as andanças do Infante por Marrocos, cf. Brásio, A., “O Infante D. Pedro, Senhor de Majorca”, *Anais [da Academia Portuguesa da História]*, 2.ª série, vol. 9, Lisboa, 1959; Villoslada, A. O., *El reino de Mallorca y el mundo atlántico (1230–1349): Evolución Político-Mercantil*, Madrid-La Coruña, UNED–Netbiblo, 2008.

¹⁸ O Infante “saiu a ver mundo e a buscar sua vida”, em 1211, segundo regista a *Crònica de 1419* ou para “haver nome e fama”, como se lê noutros textos, ou apenas porque as relações com o rei D. Afonso II, seu irmão, se tinham deteriorado, envolvendo-o a ele e a suas irmãs. Em Marrocos, foi D. Pedro testemunha do martírio dos franciscanos que para aí se haviam dirigido em apostolado e a quem aconselhara discrição nas actuações, mas sem sucesso: cf. *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos enuiados per são Francisco*, Coimbra, [Oficina de] João Alvarez, 1568; e Cornejo, *Chronica Seraphica*, p. 279; também Antonio de São Caetano, *Breve compendio da vida, e martyrio dos cinco gloriosos Martyres de Marrocos*, Coimbra, Officina de Bento Secco Ferreyra, 1711, p. 1. João Roberto, de Santa Cruz de Coimbra, era capelão privado do Infante Dom Pedro; com eles andavam outros fidalgos portugueses, como Estêvão Pires, de Santarém. Cf. Marques, J. F., “Os Mártires de Marrocos e Raimundo Lulo e a Evangelização Portuguesa no Norte de África até ao Século XVI”, in *Actas do Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época*, volume V, Porto, Universidade do Porto – CNCDP, 1989, pp. 343–368.

¹⁹ Cf. Lluill, R., *Livro da Ordem de Cavalaria*, trad. Artur Guerra, Lisboa, Assírio & Alvim, 1992. O ideal cavaleiresco assume a disponibilidade para o martírio; cf. Guarner, M. S., “L’ideal cavalleresc definit per Ramon Lluill”, *Estudios Lulianos* (Maioricensis Schola Lullistica), 2, 2, 1958, p. 38. Tal disponibilidade faz parte dos três propósitos da arte luliana, o primeiro dos quais é converter os infiéis, mesmo arriscando a própria vida, assumindo o martírio quando necessário.

²⁰ Recorde-se que, em 1236, o Infante D. Pedro acorre a prestar ajuda a Jean de Brienne, que governava

Estava-se num mundo de aventuras: militares umas, de diversão outras, de intenção cavaleiresca algumas, de busca quase todas, de tensão, mesmo todas, porque os tempos andavam revoltos: de entre todas as aventuras sobressaem as de carácter religioso; mais religiosas que políticas ou de matiz político porque de matriz religiosa. Desenvolviam-se, certamente, actividades comerciais, num mundo em que a mercadoria circulante era sobretudo a de haveres materiais: porém, não faltava quem aspirasse à repartição de bens espirituais, em oferta tanto mais posta à prova quanto nem todos comungavam do mesmo credo e a sinceridade da fé professada levava a proselitismos mais ou menos declarados, aceitando minorias que se iam acomodando aos tempos, pelo menos do lado dos filhos de Israel.

Lulo habituou-se a conviver com várias religiões²¹. Fiel cumpridor da fé cristã, deve ter-se obrigado a aprender o relacionamento com gentes de outra fé para conviver com elas²², sem abdicar da Cruzada para recuperar terreno perdido na Terra Santa: a autorização, recebida em 1299, da parte do rei de Aragão, para pregar nas sinagogas e mesquitas, serve-nos para entender, por trás do rasgo de pregador, que o acto de confiança nele não podia deixar de ater-se ao respeito pela crença dos outros.

Na ilha de Maiorca criou o seu principal ponto de apoio, mas isso não lhe bastava²³, como não lhe era suficiente o mundo da corte, onde partilhava responsabilidades como senescal (ecónomo)²⁴; ganhou cultura na experiência jogralesca e deixou que ela lhe despertasse curiosidades, ao mesmo tempo que lhe afinava a sensibilidade da voz e lhe deixava expandir o afecto.

Constantinopla e desencadeara ofensiva contra a Síria; tendo o governador entrado em religião, o Infante declarou ser esse também o seu desejo, mas não consta que o tenha concretizado, depois da morte de sua esposa, que o precedeu em 1255 (ele faleceu em 1256).

²¹ Roque, M-A., "Ramon Llull and Islam, the Beginning of Dialogue", in *Ramon Llull and Islam, the Beginning of Dialogue, Quaderns de la Mediterrània*, 9, 2010, pp. 9-14.

²² Tolan, J. V., *Saracens: Islam in the Medieval European Imagination*, Columbia, UP, 2002.

²³ Os reis de Aragão e de Maiorca estendiam os seus domínios a Montpellier entre 1204 à 1349: Jaime I, filho de Pedro II e Maria, originários de Montpellier, instalava-se nela uma corte de certo brilhantismo; o seu sucessor, Jaime II, com o título de rei de Maiorca e conde de Rossilhão (em 1276), abriu em 1289 as Escolas de Medicina e de Direito na cidade, instituindo estudos que vinham já do século XII e haviam ganhado fama como centros de erudição, abertos a mestres judeus e árabes: foi-lhes concedido estatuto oficial de universidades pelo papa Nicolau IV.

²⁴ Não se sabe se a título honorífico apenas, pois haveria responsabilidades que alguns consideram pouco compatíveis com os bens de que dispunha.

Era tempo em que as Ordens Mendicantes alargavam a acção e concorriam entre si nas Universidades. Quanto a ele, não bateu à porta nem de mosteiro nem de convento, mas aprendeu a espiritualidade que lhe veio de Francisco de Assis: escolhendo ficar integrado no mundo, formou nele a ambição de o transformar; porfiou em aproximar-se dos que tinham fé diferente da sua, sem se impor a eles, mas apostando em ir até eles em diálogo e em forma “demonstrativa” (dê-se ao termo o valor de exposição que procura ser exaustiva para ser convincente), decidido a experimentar uma *Arte* de razões necessárias e porfiando em demonstrar a inconsistência dos textos de que eles se serviam ou da maneira como os liam: explanava a doutrina da fé que o inspirava, desprendido de fontes de autoridade magistral, pois desconfiava de ciência fundada nos livros que a Escola repetia, muito embora se vivesse ainda nos inícios em que as autoridades eram capazes de descobrir a novidade para a darem a conhecer a quem se apresentava como espírito de discípulo e não em roupagens de dialéctica²⁵.

Para se fazer compreender do seu universo, empenhou-se Lulo em conhecer as línguas dos destinatários, a fim de se tornar mais próximo deles. O percurso foi longo e ingrato: poderia ter-lhe custado a vida, pois o escravo sarraceno, que, em 1265, comprara no mercado e a quem seguia no ensino do árabe, ao fim de nove anos, em 1274, para se vingar de castigo que Lulo lhe aplicara por causa de uma blasfémia contra a religião cristã, atentou um dia contra a vida do patrão: este mostrou-se lesto em apagar-lhe o golpe e curou a ferida, mas o escravo sentiu o vexame e atirou-se para a forca numa altura em que o patrão se ausentara de casa — ressentido com o castigo e talvez como modo de lhe causar prejuízo.

Firme nas suas convicções e afinando estratégias, Lulo foi persistente até chegar a discutir com o Papa e com outras autoridades o seu projecto de ensino²⁶, enquanto se entregava a desenvolver a meditação de doutrinas que ia congeminando.

Não viveu, porém, à sombra do mundo universitário, que ia despontando; de aguda inteligência, Lulo foi amadurecendo o seu pensamento de forma solitária, mas, se ambicionava ter consigo um grupo de discípulos a quem ensinar, a vida espiritual interior dava-lhe asas de místico. Em autoavaliação escreveria:

²⁵ Llinares, A., “Raymond Lulle à Montpellier: la refonte du “Grand Art””, in *Raymond Lulle et le Pays d’Oc*, ed. M.-H. Vicaire, *Cahiers de Fanjeaux*, 22, 1987, pp. 17-32.

²⁶ Ruiz, J. M. e Soler, A., “Vida, pensament i context de Ramon Llull”, *Catalan Historical Review*, 1, 2008, pp. 195-209.

*Quando quis ser grande e quis sentir a vaidade do mundo, comecei por fazer o mal e por me meter no pecado, tudo esquecendo do Deus glorioso e seguindo a lei da carne; aprouve, porém, a Jesus Cristo, por sua grande piedade, apresentar-se diante de mim cinco vezes crucificado: para que o retivesse e dele me enamorasse.*²⁷

Escolha pessoal, certamente, com processo de conversão que teve protagonistas de muitos estilos no seu tempo: Francisco de Assis era exemplo, pelo abandono de tudo para servir a um Senhor maior. Lulo seguiu-o de perto, mas hesitou no seu percurso.

EM CONSTRUÇÃO DE SI PRÓPRIO

Personalidade singular, por certo, até excepcional, Lulo foi construção de si mesmo, em percurso próprio.

Segundo a sua biografia, dada na *Vita coetanea* (que ele ditou a certo monge cartuxo no mosteiro de Vauvert – *Vallis viridis*, em Paris, em tempos adiantados da sua vida²⁸), tudo começou para ele quando, pelos 30 anos de vida, já homem com família constituída e com acesso à corte condal, toma novo rumo.

Por esse tempo, Ramon redige um poema de amor um tanto libertino (o termo latino *lascivia* leva ao significado de “devaneio”) e intenta levá-lo à pessoa da sua paixão: foi chamado à razão pela própria destinatária; primeiro, quis ela ignorar o atrevimento, mas depois enfrentou-o com o realismo de quem se sente ultrajada

²⁷ O *Desconhort* tem origem na terceira visita de Lulo a Roma, entre 1295–1296: pretendia solicitar apoio papal para a sua escola de formação de pregadores que se dedicassem à conversão dos infiéis, mas uma vez mais o Papa Bonifácio VIII (1294–1303) adia o apoio; desconsolado, Lulo retira-se para a solidão e é reconfortado por um eremita que lhe aponta diversos vícios, o primeiro dos quais era a negligência pela demora de trinta anos em concretizar o seu plano. Cf. Torras, M. M., *Materials per a un edició anotada del Desconhort de Ramon Llull*, Barcelona, Universidade, 2012 (Diss. Mestrado).

²⁸ A *Vita coetanea* de Lulo constitui obra de referência: escrita, por 1311, por mão de um monge cartuxo do mosteiro de Vauvert, em Paris, seria obra devida a instâncias de monges seus amigos, a ditado do próprio, a fim de narrar a sua mudança de vida: “de conversione ad poenitentiam et de aliquibus gestis eius” (ROL, VIII, 272). Estranha-se sobretudo que nada registre sobre a temporada em companhia de um criado muçulmano que lhe teria ministrado conhecimentos de língua durante uma década (1265–1274) nem se refira a iluminação de Lulo na década seguinte, no monte de Randa (1276–1287). Há hoje tendência a ver na VC uma defesa de Lulo contra os métodos de impugnação muçulmana propugnados pelos dominicanos: estes baseavam-se nos textos de autoridades e não nas “razões necessárias” (discussão de Barcelona, de 1263); estaria Lulo em vésperas do concílio de Viena (1311–1312), em que ele advogou a instituição de escolas de línguas nas Universidades. Cf. Szpiech, R., “La disputa de Barcelona como punta de inflexión”, *Studia Luliana*, 54, 2014, pp. 3-32.

na sua dignidade e na doença que silenciosamente a ia minando: o jogral caiu em si e, arrependido, reconheceu o desvario; lançou-lhe ela em rosto a insanidade dos sentimentos que lhe dedicava, uma vez que ele já estava ligado a uma mulher, da qual tinha dois filhos; ela própria se sentia obrigada a revelar-lhe um cancro da mama que não hesitava em pôr a nu, para que ele entendesse o seu estado de espírito. Entendeu Lulo a lição e arrepiou caminho.

Efectivamente, Raimundo Lulo casara, aos 22 anos, com Blanca Picany, em 1256; no entanto ter-se-ia enleado de amores, com uma genovesa, Ambrósia do Castelo, assim chamada na tradição; terá sido ela quem lhe lançou em rosto a inutilidade das fantasias a que o jogral se entregara?

Ramon resolve dar novo rumo à vida e atribui o arrependimento a uma “iluminação” divina²⁹, recebida da imagem de Cristo crucificado que tinha em casa e se lhe manifestara por cinco vezes seguidas (numa das iluminuras conhecidas, a revelação é tão intensa ou tão cadenciada que se representa em cinco imagens de Cristo na cruz).³⁰

Não era aspecto menor que isso tivesse acontecido como resultado de acto próprio (envergonhado por ter passado pela rejeição) ou como fruto de toque da graça divina: Lulo considera-se capaz dos sete pecados capitais, mas vai contrabalançar o desvario com vida espiritual em contemplação.

A *Vida de Mestre Ramon* faz novo enquadramento: assinala que, por ocasião de certa “festa, um bispo veio pregar a um convento franciscano e, na presença de Ramon, entrou a explicar que S. Francisco havia abandonado tudo o que tinha, a fim de aderir mais firmemente a Cristo; de imediato, o mesmo Ramon, cativado pelo exemplo de S. Francisco, foi vender o que possuía e entregou-se totalmente a Cristo”³¹.

Tivesse começado aí a sua conversão, Ramon vai em peregrinação a Rocamador e a Compostela e entrega-se a um período de ascese e de penitência, retirando-se até receber “iluminação” que o transforma: sente-se obrigado a buscar “uma arte de chegar à verdade”, de modo a refutar os erros dos infiéis. Confunde-se a

²⁹ A iluminação luliana supõe três elementos: a) o reconhecimento de saberes infundidos (conteúdo intelectual); b) a formulação de imagens que elucidam conteúdos (imaginação criativa); c) reconhecimento gozoso do conhecimento adquirido por graça e capacidade de o transmitir (trabalho de língua).

³⁰ Na miniatura interpretada por Thomas Le Myésier, séc. XIV, Lulo é beneficiado com cinco aparições do Crucificado e depois peregrina a Rocamador e a Compostela.

³¹ Llull, R., *Vida de Mestre Ramon*, ed. trad. Anthony Bonner, Barcelona, Barcino, 2013.

contemplação com o fulgor da convicção do convencimento para demonstrar a sua sinceridade?

A arte da “palavra” impõe-se-lhe, mas a curiosidade pelos conhecimentos humanos que capta à sua volta deu-lhe a moldura da sua personalidade. Refazendo os seus caminhos, muito embora chamado a tribunal pela esposa, que lhe reclama os direitos à vida conjugal, Lulo, decide abandonar a vida mundana e entregar-se à meditação; mais tarde, havia de escrever o *Diálogo entre o Amigo e a Amada*, em registo cavaleiresco: as personagens travam encontro no interior de si mesmas, aderindo libertar-se dos seus vícios por acção divina.

Não se conhece inteiramente o percurso intelectual de Lulo; porém, a leitura atenta da sua obra permitiu concluir que seguiu as escolas do seu tempo³² e reconhece-se que, se é tributário de Al-Ghazali para a lógica, deve ter recebido outras influências de “manuais” mais ou menos anónimos que circulavam na comunidade muçulmana do tempo; mesmo quanto à astrologia, terá recebido influências da astrologia judiciária; quanto a domínio de materiais para representação de árvores lógicas e figuras geométricas terá também sabido aproveitar-se de fontes comuns³³, na frequência das disciplinas que englobavam o *quadrivium* e o *trivium*.

Enfim, sem atingir níveis elevados, Lulo era espírito curioso e por isso capaz de se aproveitar dos instrumentos que tinha à mão; quanto aos processos de lógica combinatória, que entusiasmaram Leibniz, em 1666, anota investigadora dessa área que “não há qualquer rastro de cálculo ou raciocínio matemático nos processos mecânicos de Lulo”³⁴.

³² Lulo frequentou certamente uma escola em que lhe foram ministradas as disciplinas do *trivium* e do *quadrivium*; talvez em Montpellier. Nas suas obras perpassam referências a Boécio, Marciano Capela, Higino, Ptolemeu (1.º livro de *Almagesto*), Columela, Isidoro, entre outros. Cf. Palou, S. G., *La formación científica de Raymon Llull*, Inca, Mallorca, 1989. Não há que imaginar grande relevância nos contributos prestados pelo escravo, que lhe servia para aprendizagem da língua árabe; dele não podiam sair mais que conhecimentos rudimentares da cultura popular: assim argumenta Ausejo, E., “La cuestión de la obra científico-matemática de Ramón Llull”, *Actas del VIII Congreso de la Sociedad Española de la Historia de las Ciencias y de las Técnicas*, Logroño, Univ. Rioja, 2004, pp. 21-33; esta investigadora chama à atenção de que, em Maiorca, desde a conquista se tinham degradado as condições de vida, pelo que os intelectuais muçulmanos eventualmente existentes teriam emigrado e pouco haveria ficado do seu ensino.

³³ Assim depõe Vallicrosa, J. M.M., “El ‘Tractatus novus de astronomía’ de Ramón Llull”, *Estudios lulianos*, 6, 1962, pp. 257-273.

³⁴ Ausejo, E., loc. cit., p. 27.

O próprio maiorquino desconfia das congeminções que encontra nos livros e por isso deve entender-se que ele próprio se distancia tanto que aconselha um educando que anda em busca de conhecimentos a confiar-se “à ciência que dá o Espírito Santo, em ciência infusa, muito superior e mais nobre que aquela que se aprenda na escola de qualquer mestre”.³⁵ O seu realismo não esquece também conselhos como: “Em qualquer terra pode viver um mesteiral; por isso, os sarracenos consideram que todo o homem, por mais rico que seja, não deve deixar de treinar seu filho nalgum ofício, de modo que, se falharem os seus bens de fortuna, possa viver de uma profissão”³⁶.

A vida não se resolve apenas com elucubrações metafísicas nem só com coisas utilitárias: Lulo tinha bom senso para não desperdiçar as coisas que andavam pela margem da nova sociedade e aproveita-se delas para as passar a escrito. Bom senso era virtude; entusiasmo também o era.

Impressiona hoje a figura de Lulo, mais pelo que levou a supor (em análise e em aplausos de lulistas) do que pelo que realmente podemos concluir que congeminou e redigiu em lição própria. Em ponderação de razões, parece ter passado a limpo memórias de outros e nem sempre terá sido transmissor idóneo: já F. Bacon denunciava as suas elucubrações como fantasias científicas e lhe associou “método enganoso”, com aparência de verdade, que permite falar mais das coisas que se ignoram do que aprender a encontrá-las.³⁷ Seremos capazes de acompanhar a sua imaginação criativa?...

³⁵ A simplicidade da *Doctrina pueril*, Montpellier, 1282–1287, não deve servir para negar as congeminções mais elaboradas de Lulo, mas também não pode deixar fora de alcance a simplicidade com que ele assentava as doutrinas mais comuns. Cf. Santanach, J., “*Cové que hom fassa apendre a son fill los ·XIII· articles: La Doctrina pueril com a tractat catequètic*”, en *Literatura i cultura a la Corona d’Aragó (s. XIII–XV)*, Badia, L., — Miriam Cabré — Sadurní Martí, eds., Barcelona, Abadia de Montserrat, 2002, pp. 419-430; Badia, L., “La ciência a l’obra de Ramon Llull”, *La Ciència en la Història dels Països Catalans*, ed. Joan Vernet y Ramon Parés, I. Dels àrabs al renaixement (Barcelona- València: Institut d’Estudis Catalans, Universitat de València, 2004), pp. 403-442; Torrano, C. V., “La Doctrina Pueril de Lulio: una enciclopedia escolar del siglo XIII”, *Educación XX1*, 16 (2), 2013, pp. 97-114.

³⁶ *Doctrina pueril*, ed. cit.

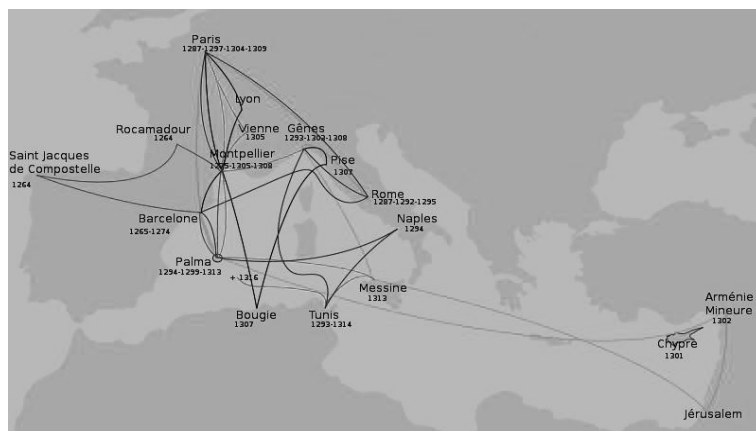
³⁷ A crítica é formulada por Ausejo, E., *loc. cit.*, que aqui seguimos.

NUM MUNDO DE NOVAS FRONTEIRAS

Vária e movimentada foi, no entanto, a vida do convertido³⁸ e prolífica foi a produção literária a que se entregou.

Deambulações frequentes levam-no de Montpellier a Maiorca e daí a outras partes: na cidade condal, fora ele educado e aí servira de pajem a Jaime II³⁹; aí escreveu boa parte da sua extensa obra (70 títulos de perto de 300).

Depois, procurou Paris, onde conheceu os mestres do tempo; aí passou os anos de 1287–1289, 1297–1299, 1309–1311⁴⁰; não cita nenhum deles e procurou caminhos próprios, talvez porque não satisfaziam os seus anseios. Não parou na sua peregrinação e desloca-se a lugares diversos, espalhados pelo arco do Mediterrâneo, até Chipre; porventura desembarcou nas costas da Ásia Menor e terá olhado para os lados da Terra Santa, em 1301–1302, mas já antes procurara os Papas: Honório IV, 1287, Nicolau IV, 1292, Celestino V, 1294–95, Bonifácio VIII e Clemente V, 1305.



³⁸ Para ilustração, servimo-nos do mapa dado na internet, versão francesa de Wikipedia para Raymond Lulle: https://fr.wikipedia.org/wiki/Raymond_Lulle.

³⁹ Aurell, M., “Autour d’un débat historiographique: l’expansion catalane dans les pays de langue d’oc au Moyen Âge”, *Montpellier, la couronne d’Aragon et les pays de langue d’oc (1204–1349)*, Montpellier, 1987, pp. 9-41.

⁴⁰ A passagem de Lulo por Paris não gera inteiros consensos sobretudo quanto à última. Cf. Riedlinger, H., “Ramon Llull y la Universidad de Paris (1309–1311)”: tradução e atualização de introdução ao VI volume de *Raimundi Lulli Opera Latina, Parisiis anno MCCCX composita*, Turnhout, Brepols, 1978.

Entretanto buscara os favores dos poderes civis: reis de Aragão, 1275 e 1305, da Sicília, 1313–14, de França, 1287–89 e 1309–1311. Em tempo de convocação eclesial, em 1311, assiste ao concílio de Viena, em França, e inflama-se com a ideia de nova Cruzada...

Foi um andarilho e um homem de projectos, mas nunca teve consigo nenhum corpo de homens, embora não lhe faltasse ânimo de cavaleiro: foi espírito racionalizador, ao menos quando planeava a sua escrita⁴¹, mas era com espírito de ermita que olhava para a vida.⁴² A iluminura para que já remetemos, coloca-nos Lulo frente a Nossa Senhora de Rocamador e frente a Santiago, em Compostela, dois lugares de peregrinação onde se firmou a sua “iluminação”⁴³, mas as deambulações são permanentes.

Desloca-se de Palma a Barcelona, daqui a Montpellier e a Paris ou a Viena do Delfinado, mas também a Pisa, Génova, Roma, Nápoles, Messina; chega a Tunes (1293 e 1314) e a Bugia (1306).

O fervor com que busca interlocutores nas costas tunisinas é-lhe fatal, pois num derradeiro esforço ia sucumbindo à mão de populares, indignados; vale-ram-lhe interlocutores de outra fé e teve por si a tripulação de navio que o reteve escondido num barco de genoveses: julgara que era possível convencer pela palavra; parecia ter-se esquecido de que nem todos estão dispostos a atender a mensagens de repto e menos ainda a aceitar propostas de nova fé.

O seu périplo mediterrânico só não toca na Terra Santa porque as condições não lho permitem, mas não deixou de aspirar à sua reconquista, para o que porfiou em reunir numa só todas as Ordens de Cavalaria. Adivinham-se os caminhos sonhados pelo maiorquino: para ele não havia limites de mundo a percorrer: vogara pelo *Mare nostrum* dos antigos e teve ocasião de se aperceber de que nunca ele se transformara em *Mare christianum*, apesar de os Bizantinos o atravessarem até às Colunas de Hércules e de os Aragoneses chegarem às

⁴¹ Quando, em 1275, deixa a corte aragonesa, levava já escrito o seu *Libro de la Orden de Caballería*, organizado em 7 partes, uma por cada um dos planetas: cf. *Livro da Ordem da Cavalaria*, trad. Artur Guerra, Lisboa, Assírio & Alvim, 1992; Miquel Aguilar i Montero, “El Llibre de l’Ordre de cavalleria en context sociocultural medieval”, *Tirant*, 13, 2010, pp. 5-13.

⁴² No prólogo do dito livro, escreve: “em certo país, aconteceu que um sábio cavaleiro (...) depois que a sabedoria e a ventura o haviam mantido na cavalaria, em guerras e torneios, em justas e batalhas, escolheu vida eremítica (...)”.

⁴³ Cod. Sankt Peter, perg. 92 da Badische Landesbibliothek de Karlsruhe, 1325.

costas africanas⁴⁴: o panorama do mundo alterava-se, mas, se havia barreiras que se transpunham e, se chegavam notícias da aproximação dos tártaros⁴⁵, continuavam as incertezas de quem detinha o poder ou para onde ele pedia, pois nas conquistas de rectaguarda não se afirmava concórdia entre cristãos: a dissolução da Ordem do Templo e o processo do seu Mestre, Jacques de Molay, em 1314, era mau presságio para uma Cristandade cheia de tensões e incapaz de responder a expectativas que surdiam ao longe, numa ecúmena ainda à procura de si mesma e incerta na resposta a adventícios, como o Preste João, em notícias chegadas da Abissínia, que procurava alianças para encetar nova Cruzada por que ele ansiava e esperava desencadear em tempos que pareciam decisivos para a Cristandade.

No próprio reino de Aragão, as condições não se mostravam favoráveis a partilhar diferenças, pois os mais sábios de entre os muçulmanos haviam partido; certamente, por Toledo tinham andado homens como Gerardo de Cremona e Guilherme/William van Moerbeke⁴⁶, que apoiara Tomás de Aquino nas traduções de Aristóteles, mas não sabemos de contactos que Lulo tenha mantido com tais tradutores; por outro lado, em Paris, nas imediações de 1275, as controvérsias averroístas inflamavam os espíritos⁴⁷; deterioravam-se, entretanto, as relações com a Cristandade do Oriente (1281) e os poderes regionais, em Aragão, alargavam-se para Maiorca, mas não se firmavam relações culturais com outras regiões. Enfim, haviam sido efémeras as pazes firmadas com os Orientais, em Lião (1274), e só os pactos entre Jaime II, de Maiorca, e o rei de Tunes (1278) rasgavam ao maiorquino horizontes de esperança.

Sinal de vitalidade desse novo universo cultural hispânico era a afirmação das línguas vernáculas, em contraponto à língua dos eruditos, ao mesmo tempo

⁴⁴ Após a conquista de Maiorca, em 1229, a Catalunha lança-se na aventura de dominar as ilhas mediterrâneas e do controlo das terras: Ilhas Baleares, Sicília, Sardenha, partes da Grécia e da Ásia Menor; ganha também os direitos exclusivos de comércio em algumas cidades do Norte de África: embora o centro do poder dimanasse de Barcelona, na realidade as ilhas eram principados autónomos.

⁴⁵ Há um fragmento, datado do ano 1239, que dá conta dos tártaros na região da Hungria, enviado por um bispo desta zona ao de Paris: “*Annales de Waverley*”, in *Annales Monastici*, Londres, II, 1865, pp. 129-412.

⁴⁶ *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, ed. Mona Baker e Gabriela Saldanha, Londres, Routledge, 2011.

⁴⁷ *Guillaume de Moerbeke et Aristote*, in J. Hamesse/M. Fattori (dir.), *Rencontres de cultures dans la philosophie médiévale. Traductions et traducteurs de l'Antiquité tardive au XIV^e siècle*. Actes du Colloque international de Cassino, pp. 15-17 juin 1989, Louvain-la-Neuve – Cassino 1990.

que despontavam essas mesmas línguas nos registos de notários e os jograis experimentavam os seus cantares nos linguajares das gentes mais próximas. Às três línguas sagradas (hebraico, grego e latim), que a Escola cultivava, cada uma a seu modo, contrapunha-se o árabe como língua de ciência, mas corria o risco de perder vigência pela dissolução da comunidade natural e por desaparecimento de agentes qualificados, embora tivesse sido alternativa, pelos conhecimentos que proporcionava⁴⁸; o hebraico das comunidades judaicas era mantido nas cerimónias da liturgia, mas, na sua modalidade viva, ficava reduzida a grupo específico.

A partir de 1274, Lulo dirige-se, em língua vulgar, a um público urbano, burguês e aristocrático que começava a interessar-se por tratados de saúde e manuais de astrologia ou que, ao lado das preocupações de guerra, colocava os cuidados da prática mercantil.

Só vinte anos depois tem autorização de Jaime II para entrar nas sinagogas e nas mesquitas: falta-nos informação sobre a actuação de Lulo nestes domínios; fácil, no entanto, é supor que, sentindo-se chamado por vocação a promover a salvação dos infieis e tendo-se empenhado em fundar uma escola especialmente dedicada à aprendizagem de línguas⁴⁹ com intenção de combater o erro, o maior-quino continuava a aperfeiçoar o “melhor Livro” que provasse, através da Arte, a falsidade de qualquer outra crença que não fosse a cristã⁵⁰: afinal, a posição apologética predominava sobre qualquer outra atitude.

⁴⁸ Se a comunidade judaica apresenta saberes de astronomia e de cartografia, a comunidade muçulmana podia dispensar conhecimentos de medicina, geometria, mecânica e álgebra e marinhar, juntamente com forte tendência mística, no sufismo e pensamento racional estruturado.

⁴⁹ Factualmente, sabe-se que o mosteiro de Miramar é fundado por 1276, com o apoio de Bula papal de 17 de Outubro desse ano, pelo que “treze Frades Menores se entregam ao estudo da língua árabe para converter os infieis” (ROL VIII, p. 282); a essa data, já Lulo tivera conversações com o infante D. Jaime, futuro rei de Maiorca, em Montpellier, ainda por 1275, para a Fundação da Escola e já antes teria ocorrido a revelação divina no monte Randa, nas proximidades de Palma e aí se teria demorado mais de quatro meses, no mosteiro de Nossa Senhora de La Real: haviam passado dez anos sobre o desaparecimento do escravo árabe que, entre 1263–1265, lhe ensinara a língua do seu grupo.

⁵⁰ Tais objectivos constam de estratégia luliana que consta do *Livro da cavalaria*. Cf. Aguilar i Montero, M., “El “Libre de l’Ordre de cavalleria”...”, cit.

CONVENCER POR ARTE INVENTIVA

Fixação de Lulo foi o “sonho da conversão dos infiéis”: é possivelmente de raiz franciscana esse sonho de missionação, a exemplo de Francisco, que não temera ir procurar o sultão Al-Kamil, ao Egípto, a quem imaginara converter.⁵¹

Há que inserir Lulo numa trajectória que começa por 1263, ano da célebre *Disputa de Barcelona* em que o rabino Moshe ben Nahman, de Gerona, e o dominicano Paulo Cristiano (Pau Cristià), judeu convertido ao cristianismo, se desafiaram a provar a verdade da sua própria fé. O debate decorreu na presença do rei Jaime I: Paulo venceu o opositor servindo-se do livro utilizado por ele e provando que tal livro continha erros e induzia ao engano quem o seguisse⁵².

O método não era inteiramente novo, pois desde sempre os apologetas cristãos o haviam utilizado, para provarem que Cristo era não só o Messias anunciado nas Escrituras, mas também aquele que se fazia anunciar até nos escritos pagãos⁵³; perante os muçulmanos, no século XIII, as fontes não são comuns e os apologetas têm de passar pelo campo do conhecimento de textos de menor acesso e fora do âmbito da argumentação bíblica.

No *Livro do gentio e dos três sábios* (1274–1276), Ramon percorre os princípios identitários do cristianismo, judaísmo e islamismo que se contrapõem: sem mencionar autoridades, e, partindo do pressuposto de que o que é afirmado pelo outro pode ser analisado em forma racional para experimentar a sua consistência, deixa em perspectiva que a compreensão não é uma operação cerrada, mas se pode desenvolver por confronto com outros: Lulo advoga um método operativo que lhe

⁵¹ Aproveitando uma pausa nas hostilidades entre o sultão e os cruzados que esperam pela sua hora na cidade de Dameta, em 1219, Francisco consegue autorização do cardeal Pelágio e passa com um companheiro para o campo do adversário; ganharam a simpatia do sultão, surpreendido com a coragem demonstrada, e evitaram a morte que os homens do sarraceno reclamavam; Jacques de Vitry, bispo de Acre, que se confessara incrédulo frente à ingenuidade dos dois franciscanos (que pensavam imitar os Apóstolos e beber o cálice da Paixão), mudará de discurso quando, na sua *História ocidental*, se convence de que era possível movimentar a Cristandade em favor da Cruzada, que ele prega: cf. Tolan, J., *Le Saint chez le sultan: la rencontre de François d'Assise et de l'Islam*, Paris, Seuil, 2007.

⁵² Cf. *Jewish Encyclopedia*, s. v. Moses Ben Nahman Gerondi (RaMBaN; known also as Nahmanides and Bonastruc da Porta). Nahmanide, *La dispute de Barcelone*, Paris, Ed. Verdier, 1996; Ramban, *La Disputa de Barcelona - Por que Los Judíos no creen en Jesús?*, Edit Benei Noaj, USA, 2007.

⁵³ *Les Chrétiens face à leurs adversaires dans l'occident latin au IVe siècle*, ed. Jean-Michel Poinssotte, Rouen, Université, 2001.

permita abordar os textos islâmicos e experimentar-lhes a consistência para indagar os mistérios: se Deus é único e se a sua palavra não pode contradizer-se, bastaria comprovar que o texto corânico encerra verdades sem misto de contradições; se elas existiam, havia que proclamar aos seguidores do Islão que andavam enganados e haviam demorado tempo excessivo a reconhecer a divindade de Cristo.

Sobre a base de apologética, está em causa uma questão gnosiológica: o pregador cristão parte da certeza da Revelação; Lulo movimenta-se num mundo que extravasa da razão e serve-se da alegoria e da fábula: a imaginação criativa aduz sugestões não incluídas nas formulações teóricas⁵⁴ — tem capacidade para isso e assiste-lhe a legitimidade de contemplativo e de místico.

Ao longo de 40 anos, Lulo foi aperfeiçoando um método como técnica de persuasão racional, incentivado pela curiosidade das ciências que a cultura das comunidades próximas, a judaica e a islâmica, haviam desenvolvido. Não perdendo de vista a luz da fé, não pode esquecer questões doutrinárias que separam e opõem as três religiões: a apologética não é contra pagãos politeístas, mas o monoteísmo judaico ou islâmico não admite a Trindade divina e por isso o pregador tem de defender uma identidade e demonstrar como a doutrina cristã satisfaz as exigências racionais da fé. O percurso de aceitação da alteridade tem de reconciliar opostos mediante a comprovação de plenitude. Os argumentos de racionalidade não bastam: é necessário captar adesões e por isso Lulo procurou afanosamente a “melhor das artes” em desafio de proposta da verdade.

Esta é dada por iluminação: o maiorquino tem experiência da graça recebida, mas é preciso que demonstre o caminho para ela. A descoberta é indagação pessoal; a dialéctica deve ser caminho para a convergência: o mestre de dialéctica deve obrigar-se a evitar a exclusão mútua dos interlocutores, que devem ser parceiros de caminhada e não concorrentes de pista e menos ainda de combate.⁵⁵

⁵⁴ Nem tudo correu como Lulo pretendia; mais tarde (1292–1293), compõe um *Desacordo*, diálogo de “desconforto” com um suposto eremita, para lamentar a falta de êxito na sua porfia de ter uma *Arte* que conseguisse levar os sarracenos a converterem-se: nisso é consolado pelo eremita que tenta explicar o malogro na procura dos desígnios insondáveis de Deus. Depois, compôs o *Canto de Ramon* (1300): se bem que volte a lamentar a falta de êxitos na vida, pede a Deus que o proteja e lhe conceda “sábios companheiros” que o ajudem a levar por diante os seus projectos. Cf. Llull, R., *Lo desconhort. Canto de Ramon*, ed. Josep Batalla, Barcelona, Edèndum, 2004. No *Livro do Amigo e do Amado*, a efusão dos afectos torna-se comunicativa; no *Livro dos animais*, a imaginação toma conta da narrativa.

⁵⁵ Para encurtar caminhos, remetemos para *Ramon Llull and Islam, the Beginning of Dialogue*, onde o tema da convivência e das relações entre comunidades diversas foi objecto de aprofundamentos por parte de

*

Aproveitando experiências que o convívio com comunidades humanas diversificadas aconselhava e as políticas de protectorados cristãos no Magrebe, fomentados pelo rei aragonês, Lulo não evita a Cruzada como doutrina, mas mantém-se fiel a práticas de tolerância e volta-se para a fundação de escolas de línguas, onde a aproximação é forma de descoberta do mundo de outros.

Encontrava ele precedentes em dominicanos, como Raimundo Martí e Raimundo de Penaforte/Penyafort: porém, distancia-se deles pelo método, pois depressa se deu conta de que pouco interessava confundir alguém, provando-lhe que vivia no erro, se não lhe fosse proposta alternativa de salvação, já que, em vez de convertidos, apenas redundariam em agnósticos ou ateus. Por várias vezes, Lulo refere um episódio ocorrido em Tunes com Raimundo Martí: tendo ele ganho a disputa que sustentara com o rei de Marrocos, este declarara estar disposto a cumprir a promessa de se converter por ter sido convencido de que a sua religião era falsa; no entanto, confunde o seu contendor quando lhe pergunta se é possível provar a racionalidade da fé cristã, *per rationes necessarias cogentes et insolubiles*; ao receber como resposta que essa religião é tão subtil e sublime que tal modo de convencimento não era suficiente, desiste de se converter: falhava a racionalidade⁵⁶. O diálogo deve aperfeiçoar-se menos pela ciência que pela contemplação e pela prática de vida.⁵⁷

Na *Vida de Mestre Ramon*, o próprio Lulo toma para si este episódio: “Ramon disse-lhes que ele conhecia bem os fundamentos da lei dos cristãos e que viera com intenção de escutar de perto os fundamentos das leis deles, a de Mafoma, e manter com eles uma disputa sobre estas coisas: se encontrasse argumentos de maior valor que os dos cristãos, converter-se-ia à sua seita”.

personalidades várias, entre as quais Amador Vega, Joan Santanach, Fatma Benhamamouche, Anthony Bonner, Víctor Pallejà de Bustinza, Pedro Martínez Montávez, Mohamed Arkoun; cf. *Quaderns de la Mediterrània* 9: <http://www.iemed.org/publicacions-en/historic-de-publicacions> (cons. 2016. 03, 17).

⁵⁶ Cf. Lavajo, J. M., “Um confronto metodológico no diálogo islamo-cristão medieval. Raimundo Martí e Raimundo Lulo”, Évora, Universidade, 1983.

⁵⁷ O tema da contemplação aparece por várias vezes na pena de Lulo: *Llibre de oracions e contemplació del enteniment* (1275); *Llibre de contemplació en Déu* (1276); *Art de contemplació* (1287). Em perspectiva semelhante vão outras obras: escrito em Montpellier, 1304, o *Liber de ascensu et descensu intellectus*, propõe a mística da ascensão por “escadas de conhecimento”, pelas quais se pode subir e descer até Deus; em período adiantado da vida e em Tunes, 1315, redige o *Liber de maiore fine intellectus amoris et honoris*, em que confessa a pretensão de a inteligência, chegar ao amor e atingir a honra humana.

Percebera ele, no entanto, que não bastava passar de uma opinião a outra, se não houvesse convicção pessoal, por verdadeira conversão interior.⁵⁸ Não deixava, por outra parte, de atender aos ecos que lhe chegavam das Escolas parisienses que muitos, ao tempo, demandavam.

Por si, empenhava-se em aperfeiçoar uma nova *Ars*, convencido de que o argumento de autoridade, praticado pela argumentação dominicana, era apenas um método que certificava, racionalmente, da bondade quanto à religião em que já se acreditava, mas não bastava para convencer corações.

Terá sido útil a Lulo a experiência de um mercador, Inghetto Contardo, um genovês, que, de passagem por Maiorca, mantivera uma disputa na comunidade judaica da ilha, em 1286⁵⁹: conseguira ele bons resultados com a sua forma de argumentar, em modo negocial, sem desmerecer das razões teológicas nem provocar os adversários, pois se convencera de que era inútil lançar-lhes em rosto o vitupério de ignorância religiosa; Lulo, apesar de apostar na *ars demonstrativa*, sabe que é preferível o método da introspecção e da escuta até chegar à iluminação da verdade — a água do poço de Jacob dessedenta quem tem a sorte de ter um ajudante que puxa a corda...

Pretenderia técnica apurada e por isso o maiorquino intentou o caminho das Escolas. A *Vita* deixa entender que, para isso, se avistara em Barcelona com Raimundo de Penaforte (c. 1175–1285), famoso canonista romano, que fora anteriormente Geral dos Dominicanos e tinha por si a autoridade de ser conselheiro de Jaime, o Conquistador: Lulo tê-lo-á procurado para lhe pedir conselho sobre a vantagem de frequentar em Paris a universidade; o dominicano ter-se-á mostrado reticente e contrário a tal pretensão, talvez porque não tivesse entendido as intenções de Lulo ou porque tenha julgado inoportuna a decisão, se é que o gênero imaginativo do candidato não lhe dera a entender que pouco havia a procurar num *Studium* estruturado de maneira distinta do que ele pretendia e proclamava.

⁵⁸ O próprio Lulo relata: *Raymundus quorundam suorum amicorum religiosorum devictus instantia narravit scribique permisit ista que sequuntur hic, de conversione sua ad poenitentiam et de aliquibus gestis eius* (ROL VIII, p. 272).

⁵⁹ Contardo, I., *Controverse avec les juifs — Disputatio contra iudeos*, ed. Gilbert Dahan, Paris, Cerf, 1993; cf. rec. crítica, Aires A. Nascimento, *Euphrosyne*, 22, 1994, pp. 463-464; Ingetus Contardus, *Disputatio contra Iudeos — Controverse avec les juifs*. Introduction, édition critique et traduction par Gilbert Dahan. Paris, Les Belles Lettres. 1993.

*

Lulo continuou em Maiorca, mas não desistiu do projecto universitário e viu na universidade de Montpellier a alternativa: passa longos tempos nessa cidade, entre 1275 e 1287, aproveitando as relações estreitas estabelecidas entre Maiorca e a região occitânica, dadas as ligações políticas criadas mesmo depois da morte de Jaime I.

Entrega-se a estudar por sua própria conta, fazendo leituras, como a do *Compendium logicae Algazelis* (1271–1272), pondo à disposição de outros os ensinamentos que encontra na obra do filósofo muçulmano, Algatzell de seu nome, mas introduzindo nela as suas próprias reflexões sobre a Trindade e a Encarnação.⁶⁰

Passa depois a redigir o *Llibre de Contemplació en Deu* (1273–4), obra monumental que abrange 366 capítulos, em 1.200 páginas: depreende-se a sua intenção de converter à verdade aqueles que se encontravam no erro, esperando, no entanto, proporcionar uma via de teor místico, no pressuposto de que a especulação deve conduzir ao amor e nascera dele.⁶¹

A intenção de se dedicar à conversão dos infiéis torna-se ainda mais evidente na *Ars compendiosa inveniendi veritatem* (c. 1274): não bastam juízos correctos; por isso aponta para uma *Ars universalis* que, sendo *Ars generalis ultima* (1305–1308), e, passando pelos diversos modos de entender a relação das coisas (expressando-a em formas de símbolos e figuras ou diagramas e cores), procura chegar a entender a harmonia das criaturas e desse modo aproximar-se de Deus, fim último da contemplação.⁶²

⁶⁰ Em comentário à miniatura 7 do *Breviculum*, assinala-se: “Ramon a cavall de la intenció recta, seguint el crucifix i la santa fe catòlica, envia per davant tres trompeters, és a dir les tres potències de l'ànima racional, que proclamen un sol Déu i la seva santíssima i altíssima trinitat. A través de la seva Art s'esforça molt d'entendre'l, d'estimar-lo, de recordar-lo i de regraciar-lo”.

⁶¹ Em comentário à miniatura 6 do mesmo *Breviculum*, lemos: “La veritat està empresonada a la base de la torre en contra del seu impuls de fer-se visible, anhelant, lamentant-se, plorant i clamant amb grans crits: “Tingueu compassió de mi!” L'exèrcit d'Aristòtil assalta la torre de l'error amb el seu comentador, Averrois”.

⁶² A consistência científica dos diagramas é hoje posta em causa, como atrás deixámos expresso: cf. Ausejo, E., *loc. cit.*

MOBILIZAÇÃO GENERALIZADA

Raimundo Lulo é um convertido e não cessa de aprofundar as suas convicções e de se entregar à arte de operar a conversão de outros: por iniciativa própria ou por missão impulsionada pelo rei Jaime II, que sente o Mediterrâneo como espaço à sua mercê, e mediante o apoio de outras autoridades que procura captar para os seus intentos, em perspicácia de quem sabe combinar a manha da raposa e a audácia do leão (que expressa no *Llibre de les bèsties*⁶³).

As suas actividades começam cedo e prolongam-se por uma vida inteira⁶⁴. Afeiçãoou uma língua comum a fim de se fazer compreender por muitos, mas não evita o esforço de se medir com as línguas de cultura, como o latim e o árabe.⁶⁵ O *Libre de Evast Blaquerna* (ca. 1283) ou *Llibre de meravelles* (1288–1289) são duas das suas obras em que se cruzam o amor de místico e o encanto da contemplação, num percurso em que, pela via literária e imaginativa, se cruza conhecimento de tradições e inovação própria, caminhos do encantamento e demonstração da verdade com intuições místicas e considerações alargadas. Quando escreve o *Llibre de Contemplació en Déu*, em versão catalã, teve de improvisar e hesitar, pois não tinha antecedentes: valeu-lhe a sua capacidade pessoal e a sua tenacidade de místico, não partindo de um projecto predefinido.

Espírito imaginativo, Lulo maneja com destreza as possibilidades das línguas que ele próprio cultiva.⁶⁶ Por génio pessoal, tanto por competências de quem se

⁶³ Por comodidade, servimo-nos de Lulle, R., *Le livre des bêtes*, trad. Patrick Gifreu, Paris, La Différence, 2002.

⁶⁴ Villalba i Varneda, P., *Ramon Llull. Escriptor i filòsof de la diferència*, Barcelona, UAB, 2015.

⁶⁵ Em vez da forma “Blaquerna” a tradição textual tem alternativa na forma “Blanquerna”: a primeira tem correspondência em Constantinopla com o nome de um palácio, junto a qual se venerava uma imagem da Virgem Maria; aí se reuniram, em 1276, as delegações das Igrejas, ocidental e oriental, para tratarem de questões da união entre Igrejas. Era considerada a segunda igreja da cidade, depois de Santa Sofia: nesse lugar existia uma fonte de água e aí foi erguida uma grande residência imperial, conhecida como Palácio de Blaquerna, que foi utilizado pelos imperadores. Logo ao lado levantava-se a igreja de Nossa Senhora de Blaquerna, onde, segundo se dizia, a partir de 473, se guardava o sudário e a túnica inconsútil, tidos como havendo pertencido a Cristo e, a seu tempo, trazidos da Palestina por peregrinos da Terra Santa. Hesitámos na forma *Blaquerna*, à qual alguns editores preferem *Blanquerna*, como se regista na edição de Salvador Galmés, *Libre de Evast e Blanquerna*, Barcelona, Barcino, 1935.

⁶⁶ Segundo cálculos que recolhemos a seu tempo (mas a que perdemos referência precisa), apura-se que, no conjunto das obras em catalão, Lulo emprega cerca de 7.000 palavras, 52% das quais pertencem a um fundo comum de língua, 20% são formações próprias à base de prefixos e sufixos, 18% entram na casa de latinismos,

habitou a reflectir na linguagem de que depende e da qual faz instrumento de apostolado, o seu génio leva-o a lançar propostas de reforma e de mudança de vida que devem atingir a Igreja inteira, a começar pelo alto: Blaquerna desvenda o seu percurso, começando pela vida dos pais, Evast e Aloma; Lulo não descansa enquanto não atinge as mais altas esferas da Cúria romana. A reforma desta assume como modelo um Capítulo reformador de Ordem religiosa — vigilantes e inspectores tomam a seu cuidado reformar os comportamentos, extirpando vícios e promovendo atitudes evangélicas, lançando iniciativas e renovando formas antigas, formando um movimento de transformação de carácter mundial: homens e mulheres de todas as áreas sociais escolhem a função que melhor se coaduna com cada um; lançam-se, cheios de entusiasmo, na acção: o clero deve ser o fermento renovador da nova sociedade numa dinâmica que se vai alargando de uns a outros, mas Lulo contentar-se-á com a sua condição de servo. Fazer de cruzado ou aceitar o martírio são dois momentos possíveis: a todos os estados e momentos, porém, sobrepõe-se, no Apocalipse, a imagem do Cordeiro que se deixa imolar para afirmar o carácter pacífico da transformação a operar, ainda que seja necessário estigmatizar os vícios das autoridades que desafiam a conversão.

Se a intuição e a razão se podem conjugar, a reflexão deve assentar em ciência construída e vivida na sinceridade de convicções. Visionário para o seu tempo, Lulo imagina tanto uma Congregação romana que tomasse a peito a evangelização do mundo (futura *De Propaganda Fide*) como uma instituição que reunisse as potências mundiais para promoverem a coexistência pacífica de todos os povos (que se materializa na ONU de hoje).⁶⁷

7% são criação própria. A tradição reconhece-lhe a autoria de umas 250 obras que se estendem por umas 27.000 páginas. Não tivemos oportunidade de consultar *Glossari General Lul.lia*, Edit. Moll, 1982; *Primer petit suplement al Glossari General Lul.lia*, in *Estudios Lulianos*, 30, 1990; *Segón petit suplement al Glossari*, Ib., 31, 1991. Remetemos, porém, para Josep M. Nadal y Modest Prats, *Història de la llengua catalana*, 1, *Dels inicis al segle XV*, Barcelona, Edicions 62, 1982, pp. 302-356. A Prof.^a Lola Badia, dirige o Centre de Recerca Ramon Llull de la Universitat de Barcelona e coordena, com Albert Soler, a “Base de Dades Ramon Llull”, em catalão, repar-tindo com a Universidade de Friburgo os cuidados dispensados à obra latina luliana.

⁶⁷ Na previsão luliana, a instituição não é apenas instância de diálogo, mas deve ser capaz de impor sanções pecuniárias aos prevaricadores das regras instituídas.

A reforma deve atingir todos os estados de vida: em *Blaquerna*, Natana, prometida em casamento, acaba por preferir um mosteiro, onde leva a cabo a reforma da comunidade; do mesmo modo devem proceder os prelados e o próprio Papa; para tal “o apostólico” (nome do Papa) abandona a tiara e retira-se para a solidão do ermitério. Situações impossíveis? Facto é que (coisa nunca vista nesses tempos), Celestino V, a 13 de Dezembro de 1294, ele que havia sido eleito cinco meses antes, renuncia ao pontificado e retira-se para a vida cenobítica...

A vida contemplativa é um ideal congeminado por Lulo como modelo de vida, num diálogo em que o Amado é Deus e o Amigo é o Homem, enamorado de Deus. A forma de conhecimento por ele proposta deve conduzir a esse objetivo. Através da teoria da casualidade procura sustentar que os seres criados são percebidos pelas suas semelhanças divinas, na base da analogia, mas a sua forma de expressão é tão viva que os modos de narrativa se associam com modos líricos: encadeando-se em modos diversos, com formas mais imaginosas, como símbolo, alegoria, prosopopeia e metáfora, ou mais dissertas, como diálogo, contraposição e apóstrofe, alusão, narrativa breve e exortação à vida interior: sucedem-se as modalidades para exprimirem o inefável ou criarem comunicação e darem lugar à plenitude sugerida.

A *Arte* pretendia, em definitivo, operar a concordância entre filosofia e teologia, com subordinação da primeira à segunda, para provar que a teologia é uma verdadeira ciência e pode conduzir à conversão, sobretudo se as aparentes contradições humanas forem evitadas, trazendo os sarracenos e todos os outros, judeus ou tártaros, ao cristianismo, por sublimação deste e superação da vida mundana.⁶⁸

Procura Lulo conhecer as fontes dos seus adversários pelos textos tomados em língua original: se a eles acode e se procura fontes autênticas,⁶⁹ é para se

⁶⁸ Era Lulo um místico ou iluminado desde a sua primitiva conversão: *Hinc sibi quandoque dictabat conscientia, quod apparitiones illae nihil aliud praetendebant, nisi quod ipse mox relicto mundo Domino Iesu Christo ex tunc integre deseruiret [...] et sic intellexit tandem certissime Deum velle, quod Raimundus mundum relinqueret Christoque corde ex tunc integre deseruiret* (ROL VIII, p. 274).

⁶⁹ Lulo critica todos os frades e monges, incluindo dominicanos que se entregam a pregar contra sarracenos e tártaros ou outros infiéis sem saberem as suas línguas, vendo nisso razão de não conseguirem bons resultados: “*fratres infidelium idioma nesciunt, et ideo ad eos inordinate uadunt*” (ROL XVI, p. 29).

colocar na plataforma linguística do seu interlocutor; se o faz, não é para ostentar doutrina que deslumbre o outro, mas para criar convicções que conduzam à ilustração e esta leve à conversão, uma vez obtida a divina iluminação⁷⁰; no final, não pretende propriamente vencimento de razão, mas adequação de vontades que se tornam devedoras de amor num processo em que a linguagem é primeira operação que visa aproximação para um entendimento.

Nesta dinâmica de razão, que é amor, Lulo pretende encontrar-se com o adversário, imaginando que ele é interlocutor: “Andava errante o Amigo por uma cidade, como louco, cantando louvores ao seu Amado; nisto, lhe perguntavam as gentes se tinha perdido o senso: responde que o seu Amado lhe havia tomado o querer e que ele lhe havia tomado o entendimento que era o dele; por isso lhe havia entregado apenas a memória, com que acudia ao seu Amado”.⁷¹

No grande repertório das obras lulianas, a novela de *Blaquerna*, com o *Livro do Amigo e do Amado* e o *Livro de Contemplação*, trazem à consideração a etapa ascética de uma narrativa em que a alma do ermitão se vai libertando de todas as imperfeições: os versículos do *Livro do Amigo e do Amado* e o *Livro da contemplação* oferecem os degraus da ascensão final da união entre o Amigo e o Amado.

De qualquer modo, de acordo com a prática assinalada pelos autores espirituais da Idade Média, os limites entre ascética e mística apresentam-se já definidos e os enunciados do *Libre d’Amic i Amat* alternam os diversos momentos ou estádios da vida espiritual⁷².

ESCRITA UTÓPICA

Lulo entrega-se à meditação e à escrita de obras quase sem conta: nem Lulo deixou registo certo de todas elas nem a crítica adregou elaborar o seu elenco

⁷⁰ “Subito Dominus illustravit mentem suam, dans eidem formam et modum faciendi librum, de quo supra dicitur, contra errores infidelium” (ROL VIII, p. 280).

⁷¹ “Andava l’Amic per una ciutat com a foll, cantant en lloanca de son Amat; i li demanaren les gens si havia perdut el seny. Respongue que son Amat havia pres el seu voler, i que ell li havia donat el seu enteniment; per això li havia romas tan solament la memoria, amb que recordava son Amat». Lulo, *Libre d’Amic i Amat*, ed. R. Aramon i Serra, Barcelona, Barcino, 1935.

⁷² Bertini, G. M., “Aspectos ascetico-místicos del Blanquerna (‘El Libre d’Amic i Amat’ y los Fioretti de S. Francisco)”, *Estudios Lulianos*, 5, 1961, pp. 145-162.

definitivo; cerca de 280 são os títulos contados, além dos textos escritos em árabe, que se consideram perdidos.

Na diversidade dos textos, Lulo revela-se uma personalidade múltipla: filósofo, teólogo, pregador, místico, ermita; aposta na visão de franciscano reformista, sincero e combativo, mas também visionário e imaginativo, a que não falta dimensão utópica, pelo menos de intenção, contanto que se admita olhar para o homem e para o mundo sob a perspectiva da criação feita por Deus, como transparece em *Blaquerna*, onde as reformas se projectam numa idade nova em que o próprio Papa é capaz de depor a tiara pontifícia e buscar o ermo da contemplação⁷³.

Determinado nos seus propósitos, Lulo sobe a todas as instâncias do poder para advogar os seus intentos. Por outro lado, não tem dúvida quanto às limitações dos adversários (o Corão não é livro revelado e Maomé enganou o seu povo, ao fazer-se passar por profeta e ao esconder os seus vícios).

No entanto, se propugna por uma Cristandade unida em torno da autoridade romana, mostra-se capaz de convivência pacífica entre religiões, através de um diálogo de razão, vivido com sinceridade de fé, na proclamação da bondade, ínsita na natureza humana e aprofundada na meditação do mistério.

Sobrepondo-se a qualquer outro padrão, integra o plano da razão (de cariz dominicano) no plano da afectividade (de raiz franciscana), sem perder a progressão que vai construindo.

*

Vida longa e intensa, dedicada à escrita, fruto de reflexão e de contemplação, teve Raimundo Lulo: celebrando o 7.º centenário da sua morte (30 Junho de 1315), sem entusiasmos de lulismos hagiográficos⁷⁴, há que reconhecer-lhe a intensidade dos dias que viveu em plenitude. Tem o tempo de um místico que tem por si o profetismo de Elias e, se propõe fazer cair fogo do céu,

⁷³ Hillgart, J. N., "Raymond Lulle et l'utopie", *Estudios Lulianos*, 25, 1981-1983, pp. 175-185; Badia, L., *Teoría i pràctica de la literatura en Ramon Llull*, Barcelona, Quaderns Crema, 1992; Perelló, M. R., "Una lectura no utópica del Romanç d'Évast e Blaquerna", *Studia Luliana*, 52, 2012, pp. 3-24.

⁷⁴ Como foram os que vão dos tempos de Filipe II aos de Franco, em que a hagiografia ganha relevo como forma de leitura.

experimenta a força do Espírito que lhe vem ao encontro através da contemplação: a sua personalidade leva-o a uma *art de contemplació*, marcada pela acção criativa que aproveita os sonhos que continua a alimentar por ser fonte capaz de purificar avatares e abrir para as novidades que se lhe deparam e ele acolhe; apercebemo-nos das contradições de um mundo por vir, mas, sentindo-as, voltamo-nos para o impulso do Espírito, que é força inovadora para superar tensões e evitar conflitos.

Como acentua Salvador Galmés, editor do *Libre de Evast e Blanquerna*, “o autor toma-nos pela mão, e, com passo seguro e passada firme, faz-nos atravessar todo o mundo da realidade e do sonho”⁷⁵. Embora seja contemplativo por vocação, Lulo não ilude a inquietação de se ver no mundo construído pela espiritualidade que anima e transfigura. Ao escrever o *Livro do Gentio e dos três Sábios*⁷⁶, no início do seu exercício de vida espiritual, por volta de 1270⁷⁷, em que perfaz cinco anos de “conversão”, está a caminho ainda da sua “iluminação” espiritual. Por conselho de Raimundo de Penaforte, dedica-se à leitura de livros espirituais e ao estudo de tratados de formação filosófica e teológica, ao mesmo tempo que se entrega à aprendizagem do árabe como instrumento de aproximação aos “infiéis”, mas também para alargamento das leituras por textos de filosofia e mística de teor muçulmano: ele próprio se exercita na língua árabe, tendo, ao que se diz (mas sem que se possa confirmar), começado por escrever nessa língua o *Livro do Gentio e dos três Sábios*.

Uma década antes, em 1264, Tomás de Aquino terminara a sua *Summa contra Gentiles*, em Paris. Lulo toma sobre si o direito de ultrapassar as barreiras

⁷⁵ Galmés, S., Introd. a vol. I de *Libre de Evast e Blanquerna*, Barcelona, Ed. Barcino, 1935.

⁷⁶ Lulo, R., *O livro do gentio e dos três sábios*, trad. Esteve Jaulent, Petrópolis, Vozes, 2001.

⁷⁷ A cronologia da vida de Lulo é discutível: parece-nos plausível a data proposta, por se basear em referências do autor noutras obras: tal é a proposta de Dominique de Courcelles, “Présentation”, em Lulle, R., *Le livre du Gentil et des trois Sages*, Paris, Ed. de l’Éclat, 1992. Outros, porém, situam na entre 1274 e 1283 ou entre aquela data e 1276: corresponderia, em todo o caso, ao primeiro ciclo da produção luliana; cf. Ramon Llull, *Llibre del gentil e dels tres savis*, ed. crit. Anthony Bonner, Palma de Mallorca, Patronat Ramon Llull, 2001. A obra simula um diálogo entre três letrados das religiões monoteístas do tempo, judaica, cristã e muçulmana, que procuram mostrar a um estranho (que anda em busca de paz e de saber), a via da concórdia e da verdade: Lulo, consciente da pluralidade religiosa do seu tempo, sem se inclinar para nenhuma das três religiões, deixa que o estranho aposte numa verdade comum. A obra foi escrita originariamente em catalão e depois vertida para latim. Cf. Mayer, A. C., *Ramon Llull and the Indispensable Dialogue*, Univ. Tübingen: www.iemed.org/publicacions/quaderns/14/.../10.pdf

impostas às relações permitidas às suas comunidades⁷⁸, colocando-se em plano intelectual e puramente racional, para partir em busca da verdade: a sua imaginação leva-o a desenhar um encontro de diálogo fora das fronteiras, em ambiente de natureza, facilitador da contemplação; é lugar simbolicamente marcado, pois nele persiste a fome, apesar de aí correr água límpida e cristalina, na qual o cavalo da sua dama bebe à-vontade por entre árvores frondosas, que representam as virtudes humanas que se dirigem para Deus; deveria haver harmonia, e não contradição entre todos, mas os sábios evitam debater a exposição de cada um dos outros e é o gentio quem tem de decidir qual o partido a tomar: é obrigado a interpretar os raciocínios dos sábios e a ajuizar da sua pertinência para retirar a conclusão que mais lhe convém.⁷⁹

As capacidades de efabulação e de imaginação de que Lulo dá provas estão ali exemplificadas: quer responder a angústias existenciais relativas ao destino do homem e saber da função das religiões que pode interrogar; guiado pela Inteligência, dama que lhe serve de guia, confronta as respostas e devolve ao próprio homem a responsabilidade de as viver: o *vir phantasticus* pode viver como *arabicus christianus* sem trair a fidelidade à sua religião, uma vez recebida a *illuminatio spiritus*.

Na escola de Miramar, reuniu o grupo dedicado ao estudo das línguas vigentes (latim, árabe, catalão)⁸⁰; na progressão do saber, propugna por caminhos de compreensão e de tolerância. No monte de Randa, em Maiorca, sente a iluminação divina e aprende a olhar de frente para os outros. Depois de ter aprendido a chamar os outros para o caminho do bem, na encruzilhada dos homens, sente-se sozinho nas ruas de Bugia, na Tunísia, a dar testemunho da fé cristã que professa; recolhido, depois de vergastado, será em Maiorca que acabará os seus dias.

⁷⁸ Em 9 de Abril de 1241, o Papa Gregório IX autoriza o bispo de Maiorca a permitir aos seus diocesanos o comércio com os muçulmanos, em tempo de paz: podem fazer comércio de víveres, mas não podem trocar artigos de madeira nem comprar animais, como cavalos ou mulas, que possam servir para combate.

⁷⁹ De forma subtil, Lulo procede à exploração do género apologético, sem afirmar directamente a verdade da doutrina cristã: desde a sua própria conversão, ele impusera-se “escrever um livro contra os erros dos infieis”, como recordará mais tarde ao ditar a *Vita coetanea*.

⁸⁰ O convento é fundado por empenho do rei Jaime II, em 1276, especificamente com o objectivo de se dedicar ao ensino da língua árabe, a fim de os religiosos poderem trabalhar entre as gentes do Islão; em 1295, Lulo lamenta o seu encerramento, no *Desconhort*.

MAGISTER ILLUMINATUS

O “mestre de barba florida” tornou-se notado por gestos que saíam do normal de uma vida⁸¹. Era determinada a personalidade de Lulo e nela reconhecemos uma das figuras marcantes da cultura do século XIII. É um contemplativo, mas não se fica pelo recolhimento. Dado à escrita, fá-lo com o intento de dar a conhecer o que lhe vai na alma: compõe o *Llibre de contemplació en Déu*; efusivo, deixa transbordar o entusiasmo divino, ansiando por converter o mundo para Cristo.

Não se ficou nem pela contemplação nem pela escrita, apenas: em 1274, estando no Puig de Randa, em Maiorca, “aconteceu-lhe que, um dia, o Senhor repentinamente lhe iluminou a mente e, enquanto ele olhava fixamente para o céu, comunicou-lhe a forma e a maneira de fazer o referido livro contra os erros dos infiéis”⁸². A escrita expande-se: o compêndio dilata-se em exposição e a poesia concentra o que a meditação lhe deixa — à maneira medieval⁸³. Já não são apenas os “infiéis” que devem ser conquistados para o “mundo novo”, porque este é apocalíptico e abre-se a todos os homens que buscam “um novo Céu e uma nova Terra”.

É apologético, mas deferente, para ser convincente sem ser impositivo. A sua abordagem quer-se sistemática, para nada deixar de parte; cósmica e abrangente, para atingir toda a criação — Deus, anjos, céu, homem — entendidos na sua bondade e amor, na sua diversidade e identidade, na semelhança e na diferença, na concordância e na contradição, pretendendo enfrentar limites que passam pelo “possível e impossível”.⁸⁴

⁸¹ Cf. *Raimundi Lulli Opera Latina*, VIII, ROL, Palma e Turnhout, 1959 e ss. A autobiografia pode ser completada por outras indicações das outras obras lulianas; outra documentação pode recolher-se em Hillgarth, J. N., *Diplomatari lullii: documents relatius a Ramon Llull i a la seva família*, Barcelona, Universitat, 2001 (trad. L. Cifuentes). Após uma brusca conversão, abandona os seus (a mulher e os filhos): tem de responder perante as autoridades por isso, troca uma existência cómoda, onde tudo podia correr bem, e envereda por uma aventura mística e intelectual invulgar. Assumindo-se na inteireza da sua conversão, Lulo procura atrair outros, mas tem de contentar-se com o testemunho que lhes presta.

⁸² ROL VIII, p. 280: “In quo [monte], cum iam stetisset non plene per octo dies, accidit quadam die, dum ipse staret ibi caelos attente respiciens, quod subito Dominus illustravit mentem suam, dans eidem formam et modum faciendi librum, de quo supra dicitur, contra errores infidelium”.

⁸³ *Ars brevis* (ed., trad. e introd. de A. Fidora, Hamburg 1999), incipit: “Deus, cum tua gratia et amore, quae est imago *Artis generalis*, quae sic intitatur: «Deus, cum tua summa perfectione».

⁸⁴ Assim se lê na figura T da *Arte demonstrativa*, também conhecida como “figura das significações”.

Era poeta Raimundo Lulo: quando a Graça, em repetida visão, o fere e o deixa prostrado, sossega no *Diálogo entre o Amigo e a Amada*, que é um idílio em prosa, ao estilo do *Cantar dos Cantares*: “Perguntaram ao amigo em quem havia maior amor, se no amigo que vivia ou no amigo que morria; respondeu que no amigo que morria. Porquê? Porque não se pode ser mais amigo que morrer de amor, depois de ter sido amigo que viveu por amor.” (*Llibre d’amic e amat*).

É homem de argumentação, mas tolerante: não impõe, propõe; discute, convicto da sua fé. Colocando a Bondade no cimo da pirâmide do conhecimento, tem a certeza de que a magnitude é tanto maior quanto a inclusão, sem ferir e sem magoar, assumir a diversidade e ultrapassar a contradição.

Discípulo de Francisco de Assis, ainda que sem professar, segundo escreve Agostino Gemelli, no seu livro dedicado ao *Franciscanismo*, Lulo reunia em si a elevação mística de São Boaventura, a subtileza de João Duns Escoto, o espírito científico e inventivo de R. Bacon⁸⁵: solitário, não vive no isolamento, mas pretende conquistar a todos para uma acção comum, de interesse global; como Bacon busca a verdade para defender e difundir a Fé: para isso terá tentado o mecanismo lógico-matemático da *Arte Magna*, onde, combinando perguntas e respostas e congeminando associações directas ou simbólicas, pretende resolver todos os problemas científicos, visando particularmente convencer os incrédulos; ciente de que a conversão é possível, percorre o mundo que se abre à sua volta e procura caminhos ainda os mais longínquos, atravessa o Mediterrâneo e chega a África, a Tunes e a Bugia, na Tunísia: acaba por ser vergastado e deixado à morte, apenas escapando por ter sido recolhido por uns mercadores genoveses que o reconduzem à sua ilha natal e onde o largam, por estarem convencidos de que ele não chegaria a Génova, com vida. Tinha ele uns 80 anos.

Fora exuberante de sentimentos e de linguagem: não lhe chegavam os modos de uma só língua nem os de um único género literário; não o satisfiziam os modos jogralescos: não porque a língua, na sua modalidade vulgar, lhe fosse insuficiente e não a apreciasse ou não lhe explorasse as virtualidades, mas porque sentia precisar de outras, pois lhe era necessário aproximar-se de todos aqueles que se serviam de outra, muito embora sabendo que era estranha; a linguagem dialéctica precisa da linguagem poética e esta vivifica-se e clarifica-se com aquela.

⁸⁵ Gemelli, A., *O Franciscanismo*, Petrópolis, Vozes, 1944.

Também por isso Lulo é contemporâneo nosso: revemo-lo no seu mundo do século XIII, em que as línguas vernáculas se projectam, sem que as línguas da cultura tivessem de ser postergadas, admitindo que elas devem ser renovadas em espírito atento à tradição e não deixadas ao improviso do vento que sopra sem se saber donde⁸⁶.

Raimundo Lulo pertenceu a um mundo em ebulição. Capaz de emular, a seu modo, a personalidade de Francisco de Assis, não se encerra no seu recanto insular; abre-se ao mundo que tem à sua volta: por conversação directa ou por textos meditados⁸⁷.

Atendeu Lulo ao mundo em que se situava: “Enquanto Blaquerna chorava e entrava em adoração, a sua alma erguia-se para Deus; no extremo de suas forças, sentiu-se Blaquerna fora de si, pelo grande fervor e devoção em que estava, e compreendeu que a força do amor não segue método algum, quando o amigo ama fortemente o seu Amado. (...) Enquanto Blaquerna estava nesta consideração, lembrou-se de que, uma vez, sendo ele Papa, um sarraceno lhe contou que entre eles havia algumas pessoas de religião, muito respeitadas e estimadas, a quem chamam “sufis”, que têm por costume apresentar exemplos breves que inspiram aos homens uma grande devoção: são sentenças que necessitam de uma curta explicação; com elas o entendimento levanta-se mais alto e, por causa disso, a vontade também se ergue e cresce em devoção. Depois de ter considerado tudo isso, resolveu Blaquerna fazer mais um livro e disse ao ermitão que voltasse para Roma, pois em breve lhe enviaria pelo diácono o *Livro do amigo e do Amado*; com ele poderia multiplicar o fervor e a devoção dos ermitães, que desejavam enamorar-se de Deus”.

Nessa abrangência de um mundo a abrir-se e a revelar-se, fosse em domínio de línguas⁸⁸ fosse em gestão de formas, Lulo transborda: “O amigo perguntou a

⁸⁶ É posterior a Lulo a influência da chancelaria na língua catalã: com Pedro IV de Aragão (1319- 1387), entra na administração uma plêiade de intelectuais que renovam a expressão de língua.

⁸⁷ Conhecem-se dedicatórias em ofertas por ele feitas: reis, como Felipe IV, o Belo, de França, Jaime II, de Aragão, Frederico III, da Sicília, Sancho, de Mallorca; papas, como Nicolau IV, Celestino V, Bonifácio VIII, Clemente V, duque de Veneza, Pietro Gradenigo, biblioteca da Sorbona, Cartuxa de Vauvert, o nobre genovês Perceval Spinola.

⁸⁸ Como escritor, Lulo compõe em prosa, sintacticamente estruturada e servida por um repertório lexical científico e filosófico largo, esmaltado de neologismos próprios de um pensamento pessoal sem falha; das línguas explicitamente por ele nomeadas está o catalão, o latim e o árabe, mas sabemos que se serviu também

seu Amado se havia n'Ele alguma coisa ainda por amar. O Amado respondeu-lhe que sim: ainda restava por amar aquilo que podia multiplicar o amor do amigo".

A *Arte* de Ramon é inventiva e demonstrativa, contemplativa e afectiva, dinâmica porque interior: encaminha para Deus, aposta nas potências anímicas do homem (entendimento, memória e vontade) e exercita-se na relação da criatura para com o criador; faz da Incarnação de Cristo ponto de chegada para comungar da essência divina: recebe das criaturas estímulo para chegar ao divino sem perder o contacto com essas criaturas nem desprezar os sentimentos mais pessoais da dor, da tristeza e da alegria, do desejo e da procura, da poesia amorosa e do enunciado filosófico.

Aponta para um mundo novo em que haverá harmonia e unidade religiosa, mas não se ilude perante as tensões que o tempo sustenta e reclama. No *Libro del gentil y de los tres sabios*, Lulo escreve: "E así como hablamos [de] un Dios, un creador, un señor, hubiésemos [nosotros] una fe, una ley, una secta y una manera de amar e honrar a Dios, e fuésemos amadores e ayudadores los unos de los otros y entre nos no fuese ninguna diferencia e contrariedad de fe ni de costumbres"⁸⁹.

As expectativas são de um visionário que tudo quer em unidade: incontido pelo entusiasmo, contido no processo; o percurso, no entanto, é diverso: o gentio (o pagão de todos os dias) acaba por se reduzir a si mesmo quando descobre que os três sábios seguem vias diferentes.

Lulo terá percebido que a vida é feita de questionamento, no convívio de gentes diversas: "infideles sunt homines sicut et nos"; desde que ultrapassem o estado de dúvida, podem atingir a salvação; por outro lado, "infideles non stant ad auctoritates fidelium": tanto mais que as autoridades ficam sujeitas a interpretações, não vale a pena insistir com eles para as aceitarem segundo juízo de outros; "infideles nolunt dimittere credere pro credere, sed credere pro intelligere"⁹⁰. Ler por dentro: com inteligência que brota do coração.

Lulo quer uma nova maneira de aceitar a religião alheia, ainda que não veja como reduzir as contradições. Por si, pela sua personalidade, marca uma cultura

do occitânico e do francês: praticou o plurilinguismo que lhe permite exprimir-se em três línguas e dá origem a expansão da língua materna, em obras devotas, históricas e científicas.

⁸⁹ Anotamos aqui outra edição em versão do séc. XV, inédita, colhida por Fernando Domínguez Reboiras em manuscrito da British Library Add. 14041, fol. 80r: *Libro del gentil e de los tres sábios*, Madrid, BAC, 2013.

⁹⁰ Cf. Courcelles, D., "Présentation", loc. cit.; Annemarie C. Mayer, "Ramon Llull y el diálogo indispensable", *Quaderns de la Mediterrània*, 14, 2010, pp. 231-236.

e dá-lhe dimensão universal – por ser voltada para muitos. Marca-a pela sua singularidade, mas constitui para o Ocidente um ponto de referência inultrapassável: não foi monge nem membro de comunidade regular e, como tal, não teve apoio institucional que lhe desse conforto de sentir outros a seu lado; contudo, tem a consistência de uma personalidade inteligente e vibrante: na vida civil, podia ter sido mercador em tempos em que a actividade ganhava alento, pois lhe percebeu a dinâmica. Sendo capaz de interpretar e transpor para outros níveis a habilidade argumentativa do vendedor para lhe reconhecer persuasão na forma de trato e procedimento, buscou “mercadoria espiritual” (se nos é consentido invocar a transposição de *Ropica Pnefma* do nosso quinhentista João de Barros). Sendo de extracção aristocrática (mesmo que não fosse nobre), podia ter ficado pela vida de corte, onde teria honras e benesses, mas entregou-se à actividade contemplativa e intelectual que lhe permitiu fazer render as suas qualidades de cogitação e de ensino em benefício de outros; não foi cavaleiro, embora tenha admirado esse estado de vida, nem teve vida de pregador e medicante: escolheu uma “terceira via”, tomando a espiritualidade da Ordem terceira franciscana e dedicando-se à vida de ensino sem entrar no claustro das escolas que se iam constituindo no seu tempo.

Vivendo fora das escolas, Lulo não demorou a perceber Aristóteles e evitou os erros de Averróis⁹¹; manteve a preocupação de seguir uma via de demonstração lógica como meio de alcançar a verdade, mas vibrou como poeta pelo sentido da vida. Valeu-se da espiritualidade de leigo comprometido, impôs-se pela capacidade de demonstrar as suas convicções de fé e de as testemunhar; ganhou capacidade de convencer e não escondeu que pretendia atrair outros para as suas convicções, por amor à verdade e através da convicção; foi homem de acção: não directamente, mas animando outros para a regeneração de vida, em que não faltou o incitamento ao resgate da Terra Santa, em tempos em que o ideal de

⁹¹ O ano de 1310 foi fecundo nesse aspecto: em Maio, o *Liber de modo naturali intelligendi*; em Julho, o *Liber reprobationis aliquorum errorum Averrois*; em Outubro, o *Liber de possibili et impossibili*; em Novembro, o *Liber de fallaciis, quas non credunt facere aliqui, qui credunt esse philosophantes, contra purissimum actum Dei*, seguido da *Disputatio Raimundi et Averroistae*; no ano seguinte, escreve *Liber de divina unitate et pluralitate*, *Liber contradictionis*, o *Liber de syllogismis contradictionis*, *Sermones contra errores Averrois*, o *Liber de efficiente et effectu* e o *Liber de ente, quod simpliciter est per se et propter se existens et agens*. Aos 80 anos Lulo está em plenitude de capacidades intelectuais. Cf. Imbach, R., *Lulle face aux Averroïstes parisiens*, Cahiers de Fanjeaux, 22, pp. 261-282.

Cruzada necessitava de apoios e sustentação e por isso defendeu a fusão das Ordens Militares (Hospital, Templo e Teutónicas) numa única instituição, mas evitou contrariar ambições, como a do rei francês, Filipe IV, e não se pronunciou sobre a supressão do Templários⁹².

Viveu num mundo atravessado por tensões e sentia-se enquadrado politicamente pela unidade catalano-aragonesa, mas animado pela unidade proporcionada pelo Papado como autoridade superior.

Ao aproximar-se do fim da vida, animou-o a perspectiva conciliadora: por isso no *Liber de participatione christianorum et saracenorum*, escrito em Maiorca em julho de 1312, escreve que “difundindo o mesmo modo de ver por todo o mundo, talvez possa haver paz entre cristãos e sarracenos, em vez de os cristãos destruírem os sarracenos e estes os cristãos”. Por isso, no *Liber de maiori fine intellectus, amoris et honoris*, em finais de 1315, antevê que a doutrina da Trindade Santa possa ser partilhada por todos, cristãos e sarracenos.

Tentou ser homem de diálogo, que pressupunha possível, mediante o poder da palavra e pelo primado da *Arte*; afirmou-se por si mesmo, numa singularidade que era irradiante. Deixou outros que lhe recolheram a mensagem⁹³; desencadeou também animosidades que quiseram nele descortinar laivos de heresia⁹⁴.

Foi Mártir? Se por mártir entendemos testemunho, não há dúvidas que o foi. Expôs-se a perder a vida? Em 1314, o rei Jaime II tenta protegê-lo na sua missão

⁹² Em 1309, no seu *Liber de acquisitione Terrae Sanctae* considera necessária a conquista de Constantinopla, mesmo antes de Granada (ansiada por parte de Jaime II), para que, na união dos dois Impérios, o do Ocidente e o do Oriente, pudesse permitir a conquista da Terra Santa e estancar o acesso a fontes que alimentavam os exércitos sarracenos. A perseguição aos Templários terá ocorrido em momento em que Lulo convalescia em Pisa de uma viajante extenuante, mas causa estranheza que não se tenha pronunciado sobre a questão; a não ser que se tenha convencido que era o momento da fusão das diversas Ordens Militares.

⁹³ Hillgarth, J. N., *Ramon Llull i el naiximent del lul·lisme*, Barcelona, Abadia de Montserrat, 1998, que é tradução de obra anterior com o título de *Ramon Lull and Lullism in Fourteenth-century France*, Oxford, Clarendon, 1971. Quanto à presença do lulismo entre nós, remetemos para os estudos recentes de Díaz Marcilla, F. J., “Estudio sobre la bibliografía del lulismo de Portugal en los siglos XIV y XV”, *Studia Lulliana*, 52, 2012, pp. 81-104; Idem, “Los frutos del proyecto artístico luliano en el Portugal medieval”, *Mediaevalia*, 34, 2015. Agradeço ao autor ter-nos proporcionado o acesso aos seus estudos; retenho particularmente o nome dos intermediários, os cónegos de S. João Evangelista — Lóios; aí se pode aceder a referências anteriores, como as de Cruz Pontes, J. M., “Raimundo Lulo e o lulismo medieval português”, *Biblos*, 62, 1986, 51-76; Martins, M., *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Cruz, 1956; Sousa Viterbo, “Raimundo Lulo”, *Boletim da 2.ª Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, 1, 49, 1903.

⁹⁴ Em 1376, o Papa Gregório XI mandou ao arcebispo de Tarragona queimar todas as obras de Lulo; o arcebispo fez-se esquecido. Por seu lado, o Papa Martinho V, em 1419, declarou-se favorável às obras de Lulo.

ao norte de África. Em 1315, o rei procura proporcionar-lhe quem o ajudasse: um franciscano, Fr. Simón de Puigcordià, desloca-se a Tunes para traduzir para latim o que ele acabara de redigir em vulgar – quinze livros em que havia deixado o texto das suas disputas com os sarracenos. Foi temerário em expor-se perante quem não tinha capacidade para entender a sua dialéctica. Valeu-lhe que outros se aperceberam do que se passava e o recolheram a um barco que o levaria a Maiorca.

O processo de beatificação de Raimundo Lulo começou nessa ilha, em 1611 e só terminará em nossos dias, quando, 22 de Junho de 1988, João Paulo II o associa a outros, entre os quais o pintor Fra Angélico, o filósofo Duns Escoto, o missionário Junípero Serra e Kateri / Catarina Tekakiwitha, uma iroquesa pele-vermelha.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 22 DE JUNHO DE 2017)